

GRAMMATICA
PHILOSOPHICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA,

OU

PRINCIPIOS DA GRAMMATICA GERAL
APPLICADOS Á NOSSA LINGUAGEM.

POR

JERONIMO SOARES BARBOZA,

Deputado da Junta da Directoria Geral dos Estudos, e Escolas do Reino em a Universidade de Coimbra, e Socio da Academia Real das Sciencias.

SEGUNDA EDIÇÃO.



LISBOA:

NA TYPOGRAPHIA DA MESMA ACADEMIA.

1830.

Com Licença de SUA Magestade.

Usum loquendi populo concessi, scientiam mihi reservavi.

Cic. Orat. 43.

A R T I G O

EXTRAHILO DAS ACTAS

DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DA Sessão DE 5 DE NOVEMBRO DE 1829.

Determina a Academia Real das Sciencias, que a Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, que lhe foi apresentada pelo seu Socio Jeronymo Soares Barboza, seja reimpressa á custa da Academia, e debaixo do seu Privilegio. Secretaria da Academia em 2 de Setembro de 1830.

Manoel José Maria da Costa e Sá,

Vice-Secretario da Academia.

Classif	469.5
Auto	B2349
V.	EX.
Ex	2/11/1951
Conto B:	67466
JFCN+PD	17856

CM-00078977-1

INTRODUÇÃO.

A *Grammatica*, (que quer dizer *Litteratura*) não foi ao principio outra couza, senão a sciencia dos caracteres, ou *Reaes*, representativos das couzas, ou *Nominaes*, significativos dos sons e das palavras. Toda a sciencia do homem Letrado, ou *Grammatico*, se reduzia naquelles primeiros tempos a saber ler e formar, ou com o ponteiro, ou com a penna, estes caracteres.

Ségundo os progressos do espirito humano, quatro forão os estados desta especie de *Litteratura* e *Grammatica*. O primeiro foi o da *Pintura*. Para representar, por exemplo, a idea de hum homem, ou a de hum cavallo, pintava-se ou esculpia-se a figura natural de hum, ou de outro; e tal he ainda presentemente a escriptura dos selvagens do Canadá.

Como porêm este methodo de representar as ideas era mui defeituoso, longo, e custoso; os Eypcios, dotados de hum engenho inventor, descobrirão, á imitação delle, outro mais breve, que he o dos *Hieroglyphicos*. Empregavão elles huma figura, não já para representar huma couza somente; mas para servir de signal a muitas. Hum *Hieroglyphico* so, pelas ideas que a sua instituição ao principio, e depois a tradição lhe alligava, era huma pequena historia. Desta sorte a Escriptura, que ao principio era huma simples pintura, ficou sendo pintura e symbolo ao mesmo tempo. Para a abbreviar ainda mais, não costumavão os Eypcios pintar a figura inteira; mas ou huma parte della pelo todo, ou o signal pela couza significante, ou huma couza por outra, que com ella tivesse alguma semelhança, ou analogia. Este foi o segundo estado da *Litteratura* ou

Grammatica, da qual temos ainda alguns restos nos nossos Brazões, e Armarias.

O terceiro foi o da Escriptura *Symbolica* corrente. Na Hieroglyphica desenhava-se a couza ao natural para a representar, e trazer com ella outras á memoria. Mas crescendo a razão com o tempo, com a policia, e com a experiencia; e bem assim multiplicando-se tambem á proporção os conhecimentos e as necessidades: ja a estas não podia supprir huma escriptura tão diminuta e embaraçosa, como era a Hieroglyphica. Continuando pois os homens em a abbreviar cada vez mais; á força de mudanças e alterações o que ao principio erão pinturas, se vierão a converter em *Symbols*, semelhantes aos de que ainda agora se estão servindo os Chinos. Tendo elles ao principio sido formados da circumferencia e contornos das figuras naturaes; depois com a continuação do tempo, e alterações se reduzirão a huma especie de Character Real, que diminuindo, e escurecendo em fim a attenção, que d'antes se dava á imagem natural; ficou servindo so de Symbolo para fixar o espirito mais sobre a couza significada do que sobre elle.

Os Symbols pois ja não são huns signaes naturaes, como o erão as pinturas e os Hieroglyphicos; mas huns signaes artificiaes e de instituição. Mas, como para cada idea he preciso hum Symbolo, e as ideas são infinitas; bem se vê que a Escriptura *Symbolica* tem quasi os mesmos inconvenientes que a Representativa e a Hieroglyphica. Assim hum Grammatico e Letrado Chino gasta toda a sua vida a ler e a escrever. Os seus symbols a pezar de todas as reduções que se tem feito, chegam ainda ao enorme numero de oitenta mil.

Neste estado estaria naturalmente a Grammatica e Litteratura; quando algum genio creador, condu-

zido pela Providencia descobrio felizmente a Arte de pintar, não ja as couzas mesmas, mas os vocabulos que as representão. Esta he a Escriptura *Litteral*, cujo invento por huma antiga tradição dos povos, he attribuido aos Phenicios ou Cananeos, e que ja no tempo de Moises, primeiro Escriptor do mundo e da Religião, estava em uso pelos annos do mundo dois mil e quatrocentos pouco mais ou menos, e mil e seiscentos antes de Jesus Christo.

O descobrimento deste genero de Escriptura era mui difficil; a execução porém era facil. Para a excogitar era necessario hum engenho superior, que advertisse que os sons de huma lingua se podião distinguir e decompor em certos elementos, communs a todas as palavras della. Porém, huma vez descoberto este segredo, a separação e enumeração dos sons não podia custar muito. Era mais facil notar e contar todos os sons de huma Lingua que se falava, do que achar que se podião contar: isto era huma lance do engenho, aquillo hum simples effeito da attenção.

O primeiro cuidado pois do inventor das Letras, e do primeiro Grammatico, que abriu o caminho aos mais, cahio sobre aquillo so, que os vocabulos tem de *mechanico* e *material*, quer sejam os sons articulados, de que se compõe a *Fala*, quer os signaes *Litteraes*, que escolheo para na Escriptura exprimir, e significar os mesmos sons. Aquillo, que os mesmos sons articulados e os vocabulos tem de logico e espirital como signaes que são das nossas ideas e pensamentos, foi a ultima couza, em que se cuidou. Os homens ao principio contentarão-se com pintar aos olhos e fixar por meio dos caracteres escriptos os sons fugitivos, que a prolação de cada palavra lhes offerecia; sem entrarem ainda na analyse miuda do discurso para descobrirem e determinarem

ao justo as diferentes classes e especies de palavras; que o compunhão; nem na sua combinação e ordem para poderem achar as regras da Etymologia, e da Syntaxe.

Esta indagação foi muito posterior. Platão, que segundo Laercio Liv. III. Cap. 19 foi o primeiro d'entre os Gregos, que indagou a natureza da Arte Grammatica; não tracta em seus Dialogos de outra couza senão da sciencia das Letras, e se a significação das palavras he natural ou arbitraria. Entre os Romanos tambem o mais antigo escripto de Grammatica era segundo Suetonio (*De illustr. Gramm. Cap. I.*), hum tractado de *Letras e de Syllabas*, que andava debaixo do nome de Ennio.

A parte *Mechanica* das Linguas, em que primeira se trabalhou, tem duas observações. Huma sobre os sons articulados tanto simples como compostos, que entrão na composição de seus vocabulos; e outra sobre os caracteres Litteraes, adoptados pelo uso para servirem de signaes dos mesmos sons, e seus depositarios na Escriptura. Destas duas considerações sobre o physico dos vocabulos nascêrão as duas partes mais antigas da Grammatica. Huma da *Boa Pronunciação e Leitura da Lingua*, chamada *Orthoepia*, e outra da sua *Boa Escriptura*, chamada *Orthographia*.

A *Orthoepia*, que he *emendata cum suavitate vocum explanatio*, comprehende não so o conhecimento dos sons fundamentaes, que fazem como o corpo dos vocabulos; mas tambem o das modificações musicaes, de que os mesmos são susceptiveis, relativas ou ao canto e melodia, chamadas *Accentos*, ou ao compasso e rhythmo, nascidas da quantidade das syllabas. Esta parte musical da *Orthoepia* ou *Boa Pronunciação* tem o nome de *Prosodia*, da qual a maior parte dos Grammaticos fizerão huma das

das quatro partes da Grammatica, ou não fazendo caso, e desdenhando ainda os primeiros principios da Boa Pronunção e Leitura, ou incluindo-os na mesma Prosodia.

Porém a Orthoepia, ou observação dos sons elementares e fundamentaes da Linguagem articulada, e a sua boa Escripura foi a primeira e ainda a unica parte da antiga Grammatica, como acabamos de ver. A Prosodia não foi reduzida a arte, senão muito tarde. Sendo, como são, tantas, tão finas, e quasi imperceptiveis as modificações, que os sons fundamentaes recebem na pronunção; por huma parte era difficil o observal-as ao principio e ainda mais o pintal-as na escriptura; e por outra parecia isto excusado. O uso vivo da pronunção assaz ensinava assim a quantidade e demora de cada syllaba, como a sua inflexão e accento. So quando se tractou de communicar aos estrangeiros não so a lingua escripta, mas ainda a sua pronunção viva; he que se começaram a dar regras sobre esta parte da Orthoepia. Aconteceo isto na Lingua Grega pouco antes do tempo de Cicero. Os signaes mesmos destes accentos, postos por cima das vogaes, bem mostram que são de huma data muito posterior.

Por tanto o nome de *Prosodia*, dado até agora a esta parte da Grammatica, por huma parte não comprehende todo o seu objecto, e por outra supõe antes de si o conhecimento dos sons fundamentaes da Lingua, do qual a Grammatica nunca prescindio, nem pôde prescindir, visto ser necessario, e indispensavel para regular a boa pronunção, e consequentemente a sua boa Escripura e Orthographia. He verdade que de muito tempo a esta parte se tem entregado o ensino destas duas partes da Grammatica Portugueza, aos Mestres de Escholà, pela maior parte pouco habeis. Porém daqui tem procedi-

dido os maos' methodos , com que a primeira idade perde nas Escolas boa parte do seu tempo , e gasta outra em aprender couzas , que depois tem , ou de desaprender , ou de reformar. He jústo pois que a couza torne a seu dono , e que os Grammaticos tomem outra vez a si esta parte da Grammatica , que ensina a theoria dos sons , e tudo o que pertence á boa pronunciação e leitura da Lingua ; pois que tem sido tão mal desempenhada em mãos estranhas. O nome de *Orthoepia* , que damos a esta primeira parte da Grammatica , he mais proprio e accommodado a caracterizal-a que o de *Prosodia*.

So depois de descoberta a arte de separar em partes elementares e communs a massa confusa dos vocabulos , e a de as representar aos olhos e fixar por meio da Escriptura he , que o espirito humano podia dar os passos , que deo para analysar o discurso e descobrir nelle a analyse de seus proprios pensamentos , que antes não percebia. Esta analyse do discurso dependia de muitas observações particulares e de muitas combinações para dellas se formarem noções geraes , que reduzissem a certas classes as partes elementares da oração segundo as suas significações e analogias ; e bem assim as regras geraes ás varias combinações , que o uso fazia das mesmas para exprimir todas as operações do entendimento , e tecer de tudo isto hum systema seguido de Grammatica. E posto que para tudo isto concorria ja muito a Lingua falada ; comtudo este systema completo nunca se chegaria a organizar , se a Escriptura não fixasse a memoria dos primeiros descobrimentos , e não facilitasse assim a comparação do caminho andado com o que restava por andar. Tire-se a qualquer engenho , por superior que seja , o uso dos caracteres : e ver-se-ha quantos conhecimentos lhe são inacessiveis , aos quaes chega hum talento ordinario
com

com o subsidio dos mesmos. Os progressos, que com os Algarismos fez a Sciencia dos Numeros, dão a conhecer assaz a importancia tambem da Escriptura Alphabetica para os mais conhecimentos.

Portanto, assim como na ordem, e na historia mesma dos descobrimentos humanos sobre a *Arte de Falar*, a parte mechanica das Linguas foi o primeiro objecto das indagações e trabalhos do homem: assim o que as mesmas Linguas tem de Logico e discursivo devia ter o segundo lugar na ordem dos mesmos descobrimentos, e o teve com effeito. Pois que Aristoteles, muito posterior a Platão, foi o primeiro dos Escriptores Gregos, que sabemos se adiantasse na sua Poetica a distribuir as palavras em certas classes, e a distinguil-as entre si por seus differentes caracteres e propriedades.

Na ordem destes conhecimentos Logicos sobre a Lingua he sem duvida que os homens se occuparão em considerar primeiro as palavras, que são signaes assim das ideas que fazem o objecto dos nossos pensamentos, como das relações que as mesmas podem ter consigo, e com outras, do que em considerar estas mesmas palavras combinadas e coordenadas entre si em ordem a exprimirem o pensamento. ~~Logo~~ que primeiro he conceber e exprimir as ideas do que comparal-as. Os primeiros Grammaticos pois, reflectindo sobre a semelhança e dissemelhança das funcções, que as palavras exercitão na enunciação de qualquer pensamento, advertirão que humas tinham as mesmas, e outras não. Estas differenças os conduzirão a reduzir a certas classes todas as palavras da sua Lingua; e a esta parte da Grammatica, que tracta das partes elementares do discurso e de suas propriedades e analogias, derão o nome de *Etymologia*; não porque ella se occupe em indagar as origens particulares de cada palavra: mas porque tra-

tracta dos signaes artificiaes das nossas ideas, que por isso Aristoteles lhe dá o nome de *Symbolo*; e Cicero nos *Topicos* Cap. 8, traduzindo a mesma palavra, lhe chama *Notationem*, quia sunt verba rerum notæ.

Na *Etymologia* pois não considerão os Grammaticos as palavras senão em si mesmas attendendo ás suas funcções e natureza. Passando porém depois a olhal-as unidas em discurso para formarem os diferentes paineis do pensamento; observárão que segundo as diferentes relações, que as ideas têm entre si, ou de identidade e coexistencia, ou de determinação e subordinação: assim as palavras para representarem estas relações mutuas, tomavão ou diferentes fórmãs e terminações, ou diferentes proposições, pelas quaes ou concordavão entre si, ou região humas a outras; e a esta ordem das partes da oração segundo ou sua correspondencia, ou sua subordinação derão os Grammaticos o nome de *Syntaxe*, que quer dizer *Coordenação* de partes.

A Grammatica pois, que não he outra couza, segundo temos visto, senão a *Arte, que ensina a pronunciar, escrever, e falar correctamente qual-quer Lingua*, tem naturalmente duas partes principaes; humã *Mechanica*, que considera as palavras como meros vocabulos e sons articulados, ja pronunciados, ja escriptos, e como taes sujeitos ás leis phisicas dos corpos sonoros, e do movimento; outra *Logica*, que considera as palavras, não ja como vocabulos, mas como signaes artificiaes das ideas e suas relações, e como taes sujeitos ás leis psychologicas, que nossa alma segue no exercicio das suas operações e formação de seus pensamentos: as quaes leis sendo as mesmas em todos os homens de qual-quer nação que sejam ou fossem; devem necessariamente communicar ás Linguas, pelas quaes se desen-

volvem e exprimem estas operações, os mesmos principios e regras geraes, que as dirigem. A' parte *Mechanica* das Linguas e sua *Grammatica* pertencem a *Orthoepia e a Orthographia*; e á parte *Logica* pertencem a *Etymologia, e a Syntaxe*.

Toda a *Grammatica* he hum systema methodico de Regras, que resultão das observações feitas sobre os usos e factos das Linguas. Se estas regras e observações tem por objecto tão somente os usos e factos de huma Lingua particular; a *Grammatica* será tambem *Particular*. Se ellas porêm abrangem os usos e factos de todos, ou da maior parte dos idiomas conhecidos; a sua *Grammatica* será *Geral*. Huma e outra pôde ser, ou somente *Practica e Rudimentaria*, ou *Philosophica e Razoada*. Aquella não sobe acima destas observações e regras practicas, que a combinação dos usos da Lingua facilmente subministra a qualquer para della formar estes systemas Analogicos, a que de ordinario se reduzem quasi todas as Artes vulgares de *Grammatica*.

Porêm se o espirito se adianta a indagar e descobrir nas leis physicas do som e do movimento dos corpos organicos o mechanismo da formação da Linguagem; e nas leis psychologicas as primeiras causas e razões dos procedimentos uniformes, que todas as Linguas seguem na analyse e enunciação do pensamento; então o systema, que daqui resulta, não he ja huma *Grammatica* puramente practica, mas scientifica e philosophica.

Toda a *Grammatica Particular e Rudimentaria*, para ser verdadeira e exacta nas suas definições, simples nas suas regras, certa nas suas analogias, curta nas suas anomalias, e assim facil para ser entendida e comprehendida dos principiantes; deve ter por fundamento a *Grammatica geral e razoada*. Porque, seguindo esta ás razões e principios geraes da Linguagem

gem, he quem melhor pôde dar noções dos signaes das ideas, descobrir todas as analogias de huma Lingua particular, e reduzir a ellas muitas anomalias, que os ignorantes contão por taes, não o sendo realmente.

Por outra parte, sendo a Grammatica de qualquer Lingua a primeira theoria, que principia a desenvolver o embrião das ideas confusas da idade pue-til; e dependendo da exactidão de seus principios o bom progresso nos mais estudos: ella deve ser huma verdadeira Logica, que ensinando-se a falar, ensine ao mesmo tempo a discorrer. Que por isso a Grammatica foi sempre reputada como huma parte da Logica pela intima connexão, que as operações do nosso espirito tem com os signaes, que as exprimem. E esta he a razão, porque os antigos Philosophos, e os Stoicos principalmente se fazião cargo della nos seus tractados de Philosophia, como Protagoras, Plató, Aristoteles, Theodectes, Diogenes, Chrysippo, Palemon, e outros, sobre os quaes se pôde ver Laercio nas suas vidas, e Quintiliano *Inst. Ora. I, 6.*

Se semelhantes homens tivessem continuado a illustrar-a com suas meditações e escriptos; teria ella desde tempos mais antigos tomado outra face e outro lustre. Porém deixada pelos Philosophos nas mãos de homens, ou ignorantes, ou pouco habeis, se reduzio a hum systema informe e minucioso de exemplos e regras, fundadas mais sobre analogias apparentes, que sobre a razão, a quem so pertence inquirir e assignar as verdadeiras causas da Linguagem, e segundo ellas ordenar a Grammatica de qualquer Lingua particular. Daqui nascêrão todas estas Artes enfadonhas de Grammatica Latina, cheias de mil erros, e de tantas excepções, quantas são as regras. O que tudo repetido e copiado cegamente de idade em idade, sem nunca ter sido submettido a exame;

este mesmo tambem foi servilmente applicado ás Grammaticas das Linguas vulgares.

Mas felizmente aconteceu em nossos tempos, que Sanches principiasse entre os Hespanhoes a sacudir o jugo da auctoridade e preocupação nestas materias; e introduzindo na Grammatica Latina as luzes da Philosophia, descobrisse as verdadeiras causas e razões desta Lingua, que até então, ou ignoradas, ou não advertidas, tinham enchido esta materia de confusão, e desordem, e que, seguindo depois seu exemplo outros grandes homens e Philosophos, tractassem pelo mesmo methodo e reformassem a Grammatica das Linguas vivas, pondo primeiro e estabelecendo principios geraes e razoados da Linguagem, e applicando-os depois cada hum á sua Lingua. Este trabalho, que depois foi continuado, começaram M.^r Arnaud na Lingua Franceza, Wallis e Starris na Ingleza, e Lancelot na Hespanhola e Italiana.

Portugal conheceo Grammaticas Portuguezas ainda antes que outras nações civilizadas tivessem huma na sua Lingua. Quando Ramos em 1572 publicou a primeira Grammatica da Lingua Franceza; ja Portugal tinha a de João de Barros, dada á luz em 1539, e a de Fernão de Oliveira em 1552. Estas foram seguidas do *Methodo Grammatical* de Amaro de Robredo, impresso em Lisboa em 1619, da Grammatica do P. Bento Pereira em Londres no de 1672, da de D. Jeronymo Contador d'Argote em Lisboa 1721, e finalmente da de Antonio Jose dos Reis Lobato em 1761.

Mas todas estas Grammaticas, além de muitos erros e defeitos particulares, que nos seus lugares notarei, tem o commum de serem huns systemas meramente analogicos, e fundidos todos pela mesma fôrma das Grammaticas Latinas; e nesta mesma consideração ainda mui imperfeitos por falta de muitas

observações necessárias sobre o genio particular e character da Lingua Portugueza. Grande parte destes defeitos emendou ja o auctor dos *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, impressos em Lisboa em 1799, tomando por guia quasi em tudo a *Grammatica da Lingua Castelhana composta pela Real Academia Hespanhola*, a qual entre as das Linguas vulgares tem merecido hum distincto louvor.

Esta Grammatica porêm he mais hum systema analogico de regras e exemplos, do que Logico; e posto que reforme muitos abusos das antigas Grammaticas, segue comtudo a mesma trilha, e desamparando os principios luminosos da Grammatica geral e razoada, multiplica em demazia as regras, que poderia abbreviar mais reduzindo-as a ideas mais simples e geraes. Nenhuma destas duas Grammaticas se faz cãrgo de Orthoepia e Orthographia, partes essenciaes e importantes a qualquer Grammatica vulgar. Porque a Grammatica da Lingua Nacional he o primeiro estudo indispensavel a todo homem bem criado; o qual, ainda que não aspire a outra Litteratura, deve ter ao menos a de falar e escrever correctamente sua Lingua: o que não poderá conseguir sem todas as partes daquella arte.

Esta arte por outra parte não deve ser meramente practica e hum estudo so de memoria. Deve comprehender as razões das practicas do uso e mostrar os principios geraes de toda a Linguagem nos do exercicio das faculdades da alma e formar assim huma Logica practica, que ao mesmo tempo que ensina a falar bem a propria Lingua, ensine a bem discorrer. As Linguas são huns methodos analyticos, que Deos deo ao homem para desenvolver suas faculdades. Ellas dão o primeiro exemplo das regras da analyse, da combinação, e do methodo, que as Sciencias as mais exactas seguem nas suas operações.

As regras propostas por este methodo reduzem-se a menos, porque se unem ao mesmo principio; percebem-se melhor, porque se sabe a razão dellas; e fixão-se mais na memoria, porque se ligão humas com outras.

Aquelles, que aspirão a estudos maiores, e para entrarem nelles tem de aprender as Linguas sabias, levão huma grande vantagem com aprender primeiro a Grammatica de sua Lingua. O que as Linguas mortas tem de mais escabroso he a theoria grammatical, que sendo de sua mesma natureza, sublime e abstracta, he a que custa mais a quem ainda não tem habito de discorrer. Esta theoria, applicada primeiro á propria Lingua, percebe-se e comprehende-se muito mais facilmente do que applicada a Linguas desconhecidas. Vencida esta primeira difficuldade no estudo da Lingua propria, o caminho fica plano e desembaraçado para o das mais, que tem os mesmos principios geraes, e não se differença senão nas formas accidentaes que cada huma escolheo para indicar as mesmas ideas e fazer dellas as mesmas combinações. Assim como quem estudou a Grammatica Latina poupa metade do trabalho, quando entra no estudo da Grammatica Grega; porque acha nesta as mesmas noções geraes, que ja sabe: assim quem primeiro estudar a proposito a Grammatica da propria Lingua, não achará difficuldade alguma na da Lingua Latina; e o tempo, que naquella gastar, ganhará nesta com grande usura.

Ja o nosso João de Barros conheceo esta verdade em seu tempo. Pois no Dialogo da Liugua Portugueza pag. 230 da ediç. de Lisboa de 1785 faz discorrer a seu filho da maneira seguinte: “ Ca se
” não soubera da Grammatica Portugueza o que me
” vossa merce ensinou; parece-me que em quatro
” annos soubera da Latina pouco, e della muito me-

» nos. Mas com saber a Portugueza fiquei alumiado.
 » em ambas, o que não fará quem souber a Lati-
 » na.» O que o mesmo zeloso Escriptor tanto de-
 sejava, que nas villas nobres e nas cidades puzesse
 o Governo Mestres capazes, que podessem ensinar
 á mocidade a Grammatica da sua propria Lingua;
 executou felizmente em nossos tempos o Senhor Rei
 D. Jose de gloriosa memoria, estabelecendo por to-
 da a parte Professores Publicos de Grammatica e
 Lingua Latina, e ordenando-lhes pelo Alvara de 30
 de Septembro de 1770, que, quando em suas clas-
 ses recebessem os discipulos para lhes ensinar a dicta
 Lingua, os instruissem primeiro na Grammatica Por-
 tugueza por tempo de seis mezes, se tantos precizos
 fossem.

Para esta instrucção se propunha então a Gram-
 matica de Antonio Jose dos Reis Lobato. Mas de-
 pois daquellè tempo tem saido outras Artes á luz e
 esta agora para o Publico escolher a que melhor lhe
 parecer. Em todas ellas ha couzas que so os Mestres
 devem estudar para as explicar a seus discipulos; ou-
 tras que estes devem aprender, como os usos parti-
 culares e idiotismos da Lingua; e muitas, que de-
 vem decorar, como são os paradigmas todos das par-
 tes da Oração e regras de suas terminações, Conju-
 gações, e Syntaxe. As regras mesmas da boa pro-
 nunciação e escriptura devem entrar no ensino da
 Grammatica para emendar muitos vicios, que os
 Mestres das primeiras Letras, pela maior parte idio-
 tas, não são capazes de corrigir. Em hum homem
 bem criado releva-se mais, e he menos vergonhoso
 hum erro de Syntaxe, que hum erro de pronuncia-
 ção ou de Orthographia; porque aquelle pôde nascer
 da inadvertencia; estes são sempre effectos da má
 educação.